



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16440 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
ISSN: 2595-7945  
GT 12 - Currículo

**PRETAGOGIA E A MUSICALIDADE-RAP: QUAIS SENTIDOS CURRICULARES É POSSÍVEL?**

Ruth Gomes de Oliveira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**PRETAGOGIA E A MUSICALIDADE-RAP: QUAIS SENTIDOS CURRICULARES É POSSÍVEL?**

Em aproximação ao pensamento teórico decolonial de Nelson Maldonado-Torres (2018), Nilma Gomes (2018) e Ramon Grosfoguel (2018) este trabalho busca apresentar uma pesquisa de mestrado (em andamento) sobre o currículo e o gênero musical rap como caminho para um currículo outro, pretagógico. Trata-se de um estudo realizado com professores da rede pública do Rio de Janeiro, que têm proposto um trabalho com uso da musicalidade-rap, especificamente *flows*, no espaço da escola. A partir da ideia de decolonialidade-projeto (Torres, 2018; 2022), cuja ideia aponta para o reconhecimento de vozes outras (não colonizadora), enquanto enunciadora de sentidos, argumento que, assim como uma rima de rap, no improviso em resposta ao outro e na criação de uma rítmica estilizada, a proposta de um currículo pretagógico tem a potência de subverter e movimentar a si e aquilo que parece dado, fazendo tremer limites e binarismos do currículo. Importante dizer que, aqui, significo o currículo pretagógico como a uma pedagogia racializada e preta, em que busca dar ênfase ao corpo preto enquanto enunciador de sentidos. Trata-se da união da palavra *Preta* com o *Gogia* de Pedagogia, cuja conceituação já é trabalhada por pesquisadores, como Machado e Petit (2020), Mendonça (2022), Vieira e Cruz (2024) e Ventura (2020), que visam ‘afrorreferenciar’ o currículo a partir da crítica à herança colonial. Esse afrorreferenciar é na lógica de modos de ser, de ver e produzir em que a percepção de natureza metodológica e ontológica abrolha os sentidos enunciados por tudo aquilo oriundo de África – as africanidades.

Assim, o termo pretagógico é uma ideia que visa empretecer o âmbito didático e

curricular (Machado; Petit, 2020), sendo, então, uma “pedagogia empretecida que bebe essencialmente nas fontes das africanidades para a constituição do seu corpo teórico prático.” (p. 13). Pensando esses sentidos aqui, pergunto: *Cabe a musicalização-*rap* no ambiente escolar transbordar o acontecimento para um currículo pretagógico? O que pode os Flows?* Com base em Ventura (2020), Teperman (2015) e Vieira (2024), afirmo que a *Rima-*rap** é um gênero performático por excelência e, por isso, se apresenta como manifestação que enuncia significações a partir de um certo contexto e, que, portanto, a expressão denuncia e revela as fissuras da realidade. É uma expressão criativa que acontece sem intenção de buscar o centro de algo, sendo sempre diferente e mantendo-se em abertura ao que chega. Nessa lógica, a pretagogia como currículo que se abre a diferença e em abertura ao outro, se caracteriza então, como prática que subverte a lógica centralizadora do conhecimento. Então, o que penso ser possível defender, diante das interpelações que faço, é a aposta para um *dançante-*Rap* pretagógico*, tal qual uma batalha de rima Rap, que dança e brinca com as palavras, tensionando um outro reconhecimento, desvelando a ideia de si sobre si mesmo, sem aval certificante ou de natureza antropológica, onde um outro lhe defina. Uma possibilidade insubordinada de expor o que está entre as fendas do saber e que se é produzido como conhecimento, pois norteia a oferecer visibilidade aos afros saberes e inventos pretos em resposta criativa à herança colonial de um país colonizado. Importante dizer, assim como a *Rima-*rap**, o currículo, a escola e a vida (sempre andando)) são feitos de muitos em uns sempre incompletos, abertos a próxima rima, a próxima batida, no pulsar para outros modos de conhecimento negro e afro; portanto, uma prática de pedagogia preta. Uma prática, diga-se, como expressividade de uma pedagogia preta, tanto de natureza corporal, lógica e pensante (Ribeiro, 2008), como de natureza discursiva, que se coloca sempre em abertura para interligar a arte da música rap, o currículo e a escola.

**Palavras-chave:** currículo; decolonialidade; pretagogia; rap; flows.

## REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 1ª Edição, Belo Horizonte: Autêntica, Coleção Cultura Negra e Identidades, 2018, p. 247-275.

GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. 1ª Edição. 2018.

MACHADO, Adilbênia; PETIT, Sandra Haydèè. Filosofia africana para afrorreferenciar o

currículo e o pertencimento. Revista Exitus, v. 10, p. 01-31, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas 1. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2018.

RIBEIRO, William de Goes. “Nós estamos aqui!”: O hip hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2008.

TEPERMAN, Ricardo. Se liga no som: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VENTURA, Wagner Maycron. DOR LINDA: Da Pretagogia ao Parangadinkra: Encruzilhando Cosmossensações com Conhecimentos Didáticos Afrorreferenciados. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

VIEIRA, Marcilio de Souza; CRUZ, Josivando Ferreira. Corpo pretagógico em gestação: reflexões sobre pretagogia. Revista do Centro de Educação. Santa Maria. v. 49, p. 01-07

2024.